

— Hoje tem filhos quem quer — disse ele sentando-se para envergar as perneiras.

— Ah! Não — gritou ela. — Você não pensa assim.

— Está bem — disse Mellors, olhando-a de revés. O que fizemos foi o essencial.

Constance não se mexia. Ele abriu a porta. Estava um céu azul sombrio, com uma fimbria cristalina de turquesa. E lá foi cuidar das gaiolas. Constance ouviu-o a chamar Flossie — e pensou no milagre da vida e no milagre do ser.

Quando Mellors voltou, ainda estava estendida, brilhante como uma cigana. Ele se sentou no tamborete ao seu lado.

— É preciso que venha uma noite ao meu "cottage", antes da partida para Veneza, não é assim? pediu-lhe inclinado com as mãos entre os joelhos.

Constance respondeu imitando-lhe o patoá, o que o fez sorrir, e, por instantes, duelaram brincalhamente em dialeto.

— Vai ao meu "cottage"? insistiu ele.

— Sim, respondeu ela, ainda em patoá imitado.

— E dormirá comigo? indispensável! Quando vem?

— Talvez domingo, respondeu Constance em patoá errado.

— Ótimo. Mas não é assim — e corrigiu-lhe a frase, caçoando. Não, você não pode me imitar.

— Por que não?

Ele ria-se. Ela era tão cômica a lhe imitar o dialeto!

— Está bem. Vamo-nos daqui. É tarde.

Disse-lhe isso, inclinado sobre ela, a acariciar-lhe o rosto.

— Você é um bom cono, isto é que é. O melhor cono que resta no mundo — mas só quando quer.

— Que quer dizer isso — cono?

— Ah! Não sabe? Cono! É você lá embaixo.

— Como é copular?

— Copular é o que a gente faz. Os animais copulam.

Cono é muito mais que isso. É você mesma, compreende? E você é muito mais que um animal, mesmo copulando. Cono! É o que a faz bela, minha pequena!

Constance levantou-se e beijou-o nos olhos, naqueles olhos que a olhavam, sombrios e meigos, quentes, duma beleza insuportável.

— Ama-me, não é? perguntou Lady Chatterley.

A resposta foi um beijo.

— Vá, vá, disse ele.

Acariciou-a com a mão sobre todas as curvas do corpo, firmemente, sem desejo, mas com íntima e suave segurança.

Constance voltou quase a correr, já noitinha. O mundo parecia-lhe um sonho. As árvores do parque enfunavam como velas dum navio navegando, e a elevação que subia para o castelo estava bojante de vida.

CAPÍTULO XIII

DOMINGO CLIFFORD QUIS PASSEAR na floresta. Manhã encantadora, com o milagre de alvura das flores das pereiras e ameixeiras irrompidas de súbito.

Era-lhe doloroso fazer-se transportar de cadeira de rodas para o banheiro, e vice-versa, quando toda a natureza florescia. Mas esquecera-se, e até parecia orgulhoso da sua enfermidade. Constance ainda se doía de ver agarrarem e colocarem na cadeira suas pernas inertes. O bom Field e Mrs. Bolton eram agora os encarregados disso.

Constance esperou-o no topo da avenida, à beira dum renque de faias. Clifford vinha avançando no seu pequeno auto, com grande ronco do motor e a lentidão de um doente de alto bordo.

— Sir Clifford no seu corcel espumejante! foi como ela o recebeu.

— Ele pelo menos rincha, disse ele rindo.

Parou e contemplou a fachada do velho casarão achatado e pardacento.

— Wragby nem piscou, disse ele — e por que o faria? Estou em cima dum primor do engenho humano que vale bem um cavalo.

— Suponho que sim. E as almas de Platão, outrora a subirem ao céu num carro de dois cavalos, hoje subiram num Ford, disse Constance.